

“PODE TER COLÉGIO IGUAL, MAS MELHOR NÃO TEM!”: a educação em colégios católicos a partir das memórias de ex-alunas

SAMARA MENDES ARAÚJO SILVA *

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Igreja Católica e sociedade leiga têm tido momentos de cooperação e tensões desde a fundação da primeira, na área educacional os estudos em História da Educação explicitam a ocorrência destes conflitos pelas mais diversas motivações. A Igreja Católica está presente na Educação desde a institucionalização e configuração do Brasil enquanto território inserido no mundo “civilizado” eurocêntrico definindo os padrões educativos a ser adotados desde o século XVI.¹ E, mesmo a partir de fins do séc. XVIII, as Igrejas – católicas e de outros credos que adentram no país – mantiveram-se como principais dirigentes e instrutores da educação brasileira até fins do século XX. A diferença é que a partir do século XVIII (Reformas Pombalinas na Instrução Pública) tiveram de submeter-se aos padrões e normatizações educacionais regulamentados pelos órgãos estatais. Contudo esta relação, e, partilha de responsabilidades no campo educativo, útil e essencial para condução do processo nacional, nem sempre foi pacífica e livre de conflitos.

Embora, prenhe de tensões a relação entre Igrejas e Estado² no campo educacional engendrou uma das mais profícuas e duradouras relações da História brasileira, donde se

¹ A História da presença da Igreja Católica confunde-se com a História da formação da nação brasileira, inúmeras são as publicações (especializadas ou não) que relatam a participação vivida da instituição e seus representantes no processo de colonização do território colonial, e, posteriormente no período imperial. Durante os séculos XVI a XVIII a Congregação de maior destaque sem dúvidas é a Ordem de Santo Inácio de Loyola, ou os padres jesuítas que receberam a missão de realizar a catequização e educação cristã nas “novas terras” lusitanas. Para conhecer elementos da atuação educacional jesuítica no território brasileiro ao longo da História nacional sugerimos a leitura de: PAIVA, José Maria. Educação jesuítica no Brasil colonial. IN: LOPES, Eliane Marta Teixeira. FARIA FILHO, Luciano Mendes de. e VEIGA, Cynthia Greive. (orgs). **500 de educação no Brasil**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 43- 59.; MONTEIRO, Lorena Madruga. Condicionantes da atuação da Companhia de Jesus na formação escolar das elites da República no Brasil (1891-1930). IN: **Cadernos de História da Educação**, v.16, n.1, p.209-234, jan.-abr. 2017. p 209 – 234; e CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. Ação política e renovação da cultura escolar dos jesuítas portugueses no Nordeste do Brasil no Século XX. IN: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH**. São Paulo, julho de 2011. Disponível: www.snh2011.anpuh.org/.../1299640086_ARQUIVO_ArtigoANPUH20

² A título de exemplificação destas tensões, citamos a 1ª Constituição Brasileira (1824) estabeleceu o Padroado Real que definia entre outras o catolicismo como religião oficial do país e a submissão da Igreja Católica Brasileira ao Imperador, esta última na prática determinava que a Igreja nacional devesse primeiramente obediência ao Imperador e depois ao Papa (Vaticano) o que “fere” os princípios da organização eclesiástica. Durante o início da República a excluiu-se a disciplina Ensino Religioso do horário regular de ensino das escolas públicas, que voltou a ser incluída após a “subida” ao poder de Getúlio Vargas. Mais recente na promulgação da LDB/1996 o texto original sobre a obrigatoriedade da oferta da disciplina Ensino Religioso nas escolas da rede pública de ensino foi alterado por pressão dos representantes das diferentes Igrejas.

perspectiva contribuições e balizas para estruturação da sociedade nacional em diferentes matizes, passando por aspectos materiais e imateriais.

Tomando este cenário de constituição da educação nacional, a proposição deste texto é analisar um aspecto desta extensa inserção e contribuição das Igrejas no campo da educação brasileira. Para tanto se delimitou especificamente a educação confessional católica, por ser a de maior longevidade no país, tendo como recorte temporal o século XX, pois neste ao mencionar referências públicas sobre os Colégios Católicos evocam-se imagens mentais que se iniciam em estudantes trajando uniformes impecáveis, passando pelas normas disciplinares extremamente rígidas, enfatizando as construções imponentes que se destacam no espaço urbano, e, fixam-se com veemência na educação de elevado padrão, dentre outros aspectos.

Estas instituições educativas, em geral, seculares, estão no cenário social e cultural das principais cidades do país, e, do mundo Ocidental, e, participam (direta e indiretamente) da definição dos padrões e normatizações da sociedade onde estão integradas.

Para balizar as análises utilizaram-se os fundamentos e aportes teóricos da História Cultural, os quais propiciam divisar no campo da História, o objeto e objetivos próprios da História da Educação e da Educação Feminina no século XX, além das práticas culturais e constituições de sensibilidades tão peculiares e singulares aos espaços e estabelecimentos educacionais.

Fundamentando as análises a partir da História Cultural nos é possível articular e avançar em direção à interdisciplinaridade, posto que esta perspectiva proporcione, nas palavras de Benatte (2007, p.15), ao fazer uma leitura da síntese elaborada por Le Goff (ainda nos anos de 1990), a renovação do programa original e avanço tanto da interdisciplinaridade, empreendendo o estreitamento das fronteiras entre os campos de saberes nas ciências humanas e, até mesmo, entre outras áreas de conhecimentos antes afastadas, a Nova História Cultural inspirou análises mais consistentes do processo histórico e exige que a História tenha como objeto de estudo a sociedade, e

(...) se a História não tiver como objeto essencial de atenção a sociedade como tal – a sociedade como um todo –, forçosamente comprometerá sua capacidade de produzir conhecimento (ao invés de simples informação) e entendimento dos fenômenos e seus atributos. (MENESES e CARNEIRO, 1997, p. 09)

Com esta postura “o historiador cultural abarca artes do passado que outros historiadores não conseguem alcançar. A ênfase em ‘culturas’ inteiras oferece uma saída para a atual fragmentação da disciplina em especialista [...]” (BURKE, 2005, p. 08), nos

habilitando a estabelecer (inter) relações, conexões e confluências entre as práticas presentes nos colégios católicos femininos. O que nos possibilitou relacionar, comparar e confrontar as práticas destas instituições ou indivíduos denotando e demarcando os conflitos sociais e culturais presentes no cotidiano dos demais espaços sócio-culturais e educacionais brasileiros.

Para empreender este estudo realizamos outra delimitação dentro do múltiplo universo de colégios católicos femininos inaugurados no Brasil no século XX, selecionamos dentre os que mantiveram sua longevidade sob a direção da mesma congregação, dentre estes circunscrevemos nossas inquirições sobre os Colégios Savinianos instalados no estado do Piauí (Teresina funciona desde out./1906; Parnaíba inaugurada em jun./1907³).

A proposta deste artigo é desnudar os Colégios Católicos femininos a partir das memórias de ex-alunas, estas nos revelaram os aspectos da Educação ofertada às mulheres no decorrer do séc. XX neste tipo de instituição e a forma como esta era vislumbrada pelos sujeitos sociais que a recebiam. Para utilizou-se como fontes de pesquisas: entrevistas com ex-alunas dos Colégios Savinianos Piauienses (fragmentos de memórias), fotografias, documentos primários dos Colégios Savinianos Piauienses e fontes hemerográficas.

A intencionalidade deste texto é a de ultrapassar os limites dos “portões” externos aos Colégios Católicos, ou seja, revelar a partir das memórias daqueles que efetivamente vivenciaram a rotina destas instituições escolares e adentram a sociedade leiga portando os ensinamentos que foram ali expostos, que a rotina destes estabelecimentos educacionais impregnou em suas práticas e constituíram subjetividades outras que as “marcaram” de forma indelével, e, que tais impressões nem sempre estão vinculadas a ordenamento, religiosidade, disciplinamento e tantas outras “imagens” que se constituíram sobre estes estabelecimentos escolares.

2.OS “PORTÕES EXTERNOS”: Colégios Confessionais e a representatividade e o imaginário na sociedade leiga brasileira

A sociedade contemporânea têm se questionado e debatido intensamente a respeito das contribuições efetivas (e até mesmo mazelas, muitas vezes dando ênfase a estas últimas)

³ No Piauí os Colégios são popularmente denominados como Colégio das Irmãs, os nomes oficiais são Colégio Sagrado Coração de Jesus (Teresina) e Colégio Nossa Senhora das Graças (Parnaíba). Foram inaugurados por religiosas que vieram diretamente da Itália (Siena) para o Piauí a pedido do então Bispo, D. Joaquim Antônio de Almeida. A Congregação Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena (fundada por Madre Savina) foi responsável pela fundação, e se mantém na direção dos Colégios até o presente, no Piauí são conhecidas por Irmãs Catarinas.

resultantes das ações seculares (por que não dizer milenares) das instituições tradicionais para a sociedade Ocidental.

E, dentre as instituições intensamente inquiridas figuram com destaque as igrejas, e com maior espaço a Igreja Católica por ter mais longevidade e possuir estrutura (histórica, hierárquica, patrimonial, etc.) melhor consolidada, e, também, por transitar constantemente entre os nichos de poder temporal.

Contudo, mesmo com as constantes críticas negativas a posturas adotadas no passado e no presente, não conseguimos esquivar-nos de explicitar a intensa participação (e contribuição) da Igreja Católica, por meio das mais diversas estratégias, para a conformação do desenvolvimento social, econômico, material, cultural, político, urbanístico, etc. da sociedade e, conseqüentemente, das cidades brasileiras.

E, quando abordamos especificamente as instituições educativas erigidas sob a égide do catolicismo não nos é possível compreendê-las sob uma única perspectiva ou matiz de área de conhecimento, posto que estas engendram, resguardam, reproduzem, transmutam, transformam (etc.) para e na a sociedade na e com qual se incorporam, integram e interagem aspectos materiais e imateriais.

Há que se admitir e reconhecer que existem pelo menos dois Colégios Confessionais para a sociedade leiga brasileira, ou seja, aquele que é se “construiu” no imaginário dos transeuntes que, via de regra, “enxerga” estes estabelecimentos pelo “lado de fora” dos portões externos; e outro que é vivenciado por sujeitos que ultrapassam os portões internos, ou seja, professores, funcionários, religiosos e alunos.

Nesta dupla realidade na qual se define o cotidiano dos Colégios Católicos, existem representatividades irradiadoras e propulsoras de ações e desenvolvimentos na complexa teia social da cidade e da educação.

Restringimos, neste texto, a denotar os aspectos que consideramos mais relevantes, sobre as formas de representatividade dos Colégios Savinianos piauienses durante o século XX, para a sociedade leiga que não o frequentava como aluna.

A introdução da Congregação Saviniana no Piauí aconteceu no início século XX, a convite do primeiro Bispo da recém-criada Diocese, D. Joaquim Antônio de Almeida, que solicitou de Madre Savina (superiora da Congregação na Itália) o envio de religiosas para

educar as mulheres, moças e meninas na “fé e caridade cristã” a fim de combater os avanços do protestantismo que se instalava no sul do estado.⁴

Para educar as mulheres brasileiras e, por consequência, as piauienses, conforme desejava o Bispo piauiense e as freiras italianas, seguindo os preceitos do catolicismo, em consonância com o Concílio de Trento⁵, significava constituí-las defensoras da sociedade tradicional, cristã-católica e difusoras dos preceitos e comportamentos defendidos pela Igreja.

Um dos primeiros requisitos seria ter espaços físicos adequados para instalação e funcionamento dos Colégios. Seguindo os princípios tridentinos, os Colégios Savinianos foram erigidos em locais afastados dos, então, centros urbanos em princípios do século XX.

Contudo, os Colégios Savinianos funcionaram, utilizando a terminologia geográfica, como seletores espaciais e nortearam o desenvolvimento da malha urbana das cidades de Teresina e Parnaíba, delineando o traçado urbanístico destas cidades a partir de suas construções monumentais⁶.

Os edifícios dos Colégios das Irmãs Catarinas em Teresina e em Parnaíba, ambos se integram de tal forma e com tamanha sintonia ao cotidiano destas cidades “que parece que sempre estiveram ali, imponentes” (SILVA, 2009, p.30), por isto

os edifícios marcam a trajetória das cidades, conferindo-lhes identidade, legitimidade, mostrando a formação e as transformações ocorridas. [...] por meio [destas] edificações, podem-se observar, conhecer, identificar e estudar formas, técnicas, sistemas e materiais utilizados na arquitetura dos edifícios e articulá-las aos valores culturais e socioeconômicos da sociedade que a produziu. (MELO, 2008, p. 270-271).

Tanto que os Colégios Savinianos piauienses se constituem em patrimônios culturais e arquitetônico nacional e estadual⁷, Colégio Nossa Senhora das Graças foi tombado pelo

⁴ D. Joaquim Antônio de Almeida temia a expansão do protestantismo no Piauí com a instalação da Congregação Batista (religião protestante) na cidade de Corrente (sul do estado do Piauí) e a abertura de escolas para crianças e mulheres por estes missionários. Assim seguindo os princípios da educação tridentina, solicitou auxílio às congregações europeias para abrir escolas no Piauí a fim de barrar o avanço de novos credos em sua diocese.

⁵ Reunião de bispos e cardeais da Igreja Católica, ocorrida de 1545 a 1563, na cidade italiana de Trento. Foi “um dos concílios mais complexos e significativos da história cristã.” (ALBERIGO, 1999, p. 245), posto que direcionou e determinou todas as ações da Igreja Católica contra a expansão do movimento da Reforma Protestante. As principais definições deste Concílio foram: estabelecer a idade mínima para o sacerdócio (25 anos); instituição de seminários destinados à formação dos clérigos; definição dos sete sacramentos; fortalecimento da autoridade pontifical; adoção do latim como língua litúrgica; determinação do celibato clerical.

⁶ Para maiores aprofundamento sobre esta temática indicamos a obra: OLIVEIRA, Stanley Braz de. **A Geohistória de Teresina: religiosidade católica, escolas confessionais e produção espacial.** Fortaleza: Edições UFC, 2017.

⁷ Para maiores informações relativo a este aspecto dos Colégios Savinianos piauienses indicamos o texto: SILVA, Samara Mendes Araújo. De Pequena Casa das Irmãs Catarinas à Patrimônio Piauiense: história, cultura e arquitetura nos edifícios dos Colégios das Irmãs. In: VI Congresso Brasileiro de História Da Educação, 2011,

Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) em 2008, enquanto o Colégio Sagrado Coração de Jesus teve seu prédio principal tombado em âmbito estadual (FUNDAC-PI/Fundação Cultural do Cultural do Piauí) em 1984.

Sendo instituições importantes, social e culturalmente, para a comunidade piauiense os Colégios Savinianos têm destaque em diferentes ocasiões na sua história secular, um momento singular que pode ser exemplificar, é

no ano de 1933, quando da visita oficial do presidente Getúlio Vargas à Teresina, na programação foi incluída a ida do presidente ao Colégio das Irmãs para conhecer as instalações do Colégio e verificar a qualidade do ensino fornecido às jovens piauienses. A presença do presidente numa escola confessional reiterava a máxima da educação católica de formar bons cristãos e bons cidadãos, ou seja, estas instituições de ensino eram parceiras de primeira linha na formação dos laços de patriotismo e civismo que uniria o cidadão a seu país. (SILVA, 2010, p.236-237)

Estas instituições são referências em padrão e qualidade no ensino no estado, e, por vezes, interferem diretamente na rotina e nas práticas educativas de outras instituições escolares. Em algumas ocasiões por solicitação dos próprios estabelecimentos escolares para participar das formações e jornadas pedagógicas oferecidas nos Colégios até a atualidade, como, por exemplo, as ações integradas promovidas entre a rede savianiana e rede municipal de ensino de Teresina para o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (no período de 20/04 a 25/05/17).

Há, contudo situações, em que a iniciativa é unilateral de integrantes de integrantes do corpo docente dos Colégios. Tal qual ocorreu na década de 1960, quando parcela dos professores – especialmente as religiosas incentivavam as alunas a buscar espaços nas escolas públicas para ministrar aulas de Catecismo, conforme rememora a ex-aluna do Colégio de Teresina, Teresinha Meireles que afirma,

A Irmã Violeta passava e aí ela pedia que quem tivesse Colégio, perto, Colégio do Governo e que não tivesse aula de catecismo que a gente desse – ia eu e uma amiga minha – duas vezes por semana. A gente dava aula de catecismo no Colégio Anísio Brito, a noite. (MEIRELES, 2006, p.05)

A representatividade dos Colégios católicos savinianos piauienses não se restringem ou se encerram nas instalações físicas e patrimoniais, ou, como referência enquanto padrão educacional, estas instituições se inserem, ainda, na sociedade estabelecendo comportamento e normatizações para os espaços públicos e privados.

Exemplo disto é nota publicada (reproduzida a seguir) no Jornal Dominical, onde orienta a população a frequentar a missa e exorta aqueles (especialmente as mulheres), embora também possa ser um evento social, não deve deixar de comparecer por “ vaidade”.

A MISSA NÃO É “PARA MOSTRAR VESTIDOS!”

... mas sim é para mostrar fé diante de Deus e diante dos homens.

Não se deve perder a missa, só por falta daquele par de sapatos novos que precisamente a gente tanto queria; nem por falta daquele vestido bonito. Isto não é razão suficiente e denota muita vaidade.

Vamos à missa com um vestido mesmo mais simples, porque este ato vai nos rangear diante de Deus, infinitos merecimentos.

Acervo Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito

Fonte: A missa não é para mostrar vestidos. In: **Jornal DOMINICAL**. Página Feminina. 09 de Outubro de 1949, p. 03.

Teresina.

Deste modo os Colégios católicos construíram-se enquanto referência no campo educacional seja por contribuir direta seja por contribuições indiretas para feitura dos paradigmas educativos locais e nacionais, posto que as “alunas das freiras” (denominação popular, as empregada pejorativamente) estavam presentes e atuando nos mais diferentes setores e momentos, impregnando a sociedade com os preceitos emanados naqueles estabelecimentos e, conseqüentemente pela Igreja Católica, e, enfim fazendo cumprir os preceitos tridentinos de que ao educar as mulheres estaria indiretamente educando toda a sociedade.

3.OS “PORTÕES INTERNOS”: vivências e experiências das “alunas das freiras” nos século XX

Educadas para reiterar as máximas católicas, reproduzir o ideário do cristianismo católico, as ex-alunas dos Colégios católicos ao rememorar seus tempos de estudos – seja no externato ou internato – durante o século XX não nos remetem a espaços de claustro, confinamento, nos apontam sim para “pequenas” e prazerosas subversões que lhes proporcionaram a descobertas de “novos” caminhos no mundo público ou de “liberdades” vigiadas nos espaços dos próprios colégios. Inculcaram-lhes valores, morais, costumes, rotinas, ensinamentos, mas estas “meninas das freiras” também e aprenderam a utilizá-los em benefício e para vantagens próprias, e, estes aspectos é que são arrebatados em suas memórias e verbalizados por suas “falas” quando instadas e instigadas a revolver o caldaloso tecido das lembranças dos tempos de escola.

Utilizando o recurso das entrevistas, foi possibilitado acessar fragmentos de memórias sobre o período de tempo vivenciado por mulheres nos Colégios Savinianos piauiense e que dimensionassem as repercussões destas vivências e experiências. E, lembrando, a afirmação de Hobsbawn (2002, p. 11-12), ao utilizarmos as memórias dos sujeitos históricos para produzir a narrativa histórica, estamos trabalhando não a história do mundo ilustrada pelas experiências de um indivíduo, mas a historia do mundo dando forma a essa experiência, ou

melhor, oferecendo uma gama de escolhas cambiantes, mas sempre limitadas, com as quais, (...), os homens fazem [suas vida], mas não [as] fazem como desejam, não [as] fazem nas circunstâncias escolhidas por eles, e sim nas circunstâncias diretamente encontradas, proporcionadas e transmitidas pelo passado; poder-se-ia acrescentar: e pelo mundo à volta delas.

Assim, ao analisar os fragmentos das histórias de vida contadas por nossas entrevistadas e os inserir no contexto histórico da sociedade piauiense do século XX, tivemos de identificar de que lugar, posição social estava situada cada uma de nossas colaboradoras em dois momentos de sua trajetória individual, o primeiro era na época enquanto foram alunas dos Colégios das Irmãs e o segundo momento é o tempo presente, do tempo em que constroem as narrativas sobre si mesmas e sobre seu passado.

As ex-alunas entrevistadas para este trabalho pertenciam às classes alta e média da sociedade piauiense⁸ e frequentaram os Colégios Savinianos. Ainda que a Congregação Saviniana mantivesse escolas gratuitas – Escola Santa Inês (Teresina) e Escola São José (Parnaíba)⁹ – e anexas as escolas principais, pois as alunas destas instituições, embora integrantes da rede saviniana, ingressavam nos Colégios de maneiras diferenciadas, e, portanto, vivenciavam de diferentes formas outras experiências escolares, ainda que a Congregação primasse pela equiparação em termos de qualidade educacional entre as instituições, os currículos, os livros didáticos e professores também eram iguais em todas os estabelecimentos.

Apontando, descrevendo, contextualizando, analisando historicamente a formatação da educação feminina forjada nas escolas católicas, ensinamentos, segundo as estudantes possibilitaram-lhes oportunidades diferenciadas tanto no mercado de trabalho formal quanto no mundo social. Pois, ser “aluna das freiras” viria a ser um diferencial nos “dois mundos”: profissional e sociedade (escolha do futuro marido, cuidado com a casa, criação dos filhos, compromissos consigo mesma e os outros, etc.). Afinal, elas (alunas) estudavam num Colégio

⁸ Nos livros de matrículas dos Colégios Savinianos há registros de alunas oriundas estados do Maranhão, Bahia e Ceará, além do Piauí. Contudo para este trabalho entrevistamos exclusivamente alunas (internas e externas) com famílias residentes no Piauí à época em que estudavam nos Colégios.

⁹ Para maiores informações relativo a este aspecto dos Colégios Savinianos piauienses indicamos o texto: SILVA, Samara Mendes Araújo. As órfãs sociais dos Colégios das Irmãs: as Escolas Gratuitas nos Colégios Confessionais Católicos no século XX. In: SILVA, Samara Mendes Araújo; MARTINS, Elcimar Simão; MAIA Gabrielle Bessa Pereira; ARAÚJO Maria das Graças de; MAIA Maryland Bessa Pereira. (Org.). **Caminhos da Educação: tessituras de olhares e saberes**. 1ed. Fortaleza: Edições UFC, 2014, v. 1, p. 411-432

matrículas exclusivamente femininas¹⁰, tanto que algumas ex-alunas admitem que ainda, “Eu acho assim esquisito. Quando fala assim Colégio das Irmãs quando vê um menino, um rapaizinho fardado assim eu acho assim meio diferente né, porque lá era só mulher.” (MEIRELES, 2006, p.05)

Neste cenário onde as “meninas das freiras” eram educadas as imagens que com maior impacto retumbam nas memórias são: das festividades religiosas, dos retiros e das ações de caridades. Na perspectiva destas mulheres, estes momentos foram marcantes porque inspiraram e permitiram liberdades.

Considerando a rotina escolar das alunas dos Colégios das Irmãs Catarinas – principalmente a das alunas internas – que, em geral, a maioria de suas atividades aconteciam dentro dos “muros” dos Colégios, e quando não estavam na escola eram confinadas aos espaços domésticos (conforme enfatizou a ex-aluna Josina Jacobino), a oportunidade de participar das atividades religiosas fora do espaço escolar se configurava em forma de conhecer outras pessoas diferentes daquelas que conviviam diariamente, conhecer a cidade e, por fim, de se sentirem um pouco menos vigiadas uma vez que em meio a população comum, ainda, que fardadas – o que lhe identificava a primeira vista como sendo “as meninas das freiras catarinas” – podiam escapar sutilmente à vigilância das religiosas e conversar entre si e com os transeuntes que participavam, também, dos eventos religiosos. (SILVA, 2010, p. 214)

Assim Festividades Religiosas são momentos recorrentes nas lembranças Orações diárias, 1ª Comunhão e participação nas missas foram momentos marcantes da vida escolar, conforme, testemunharam as ex-alunas consultadas, mas as celebrações religiosas nos Colégios das Irmãs aguardadas com mais ansiedade pelas alunas e marcantes, segundo estas, eram sem dúvida as comemorações do dia de Santa Catarina de Sena (abril) e as do Mês Mariano (maio). “Ao recordar tais momentos que eram recheados de atividades religiosas dos mais variados formatos, as alunas enfatizam que eram os dias mais divertidos e melhores.” (SILVA, 2010, p.191). “Se as outras festas na escola eram aguardadas com muita expectativa pelas alunas, nada se comparava com a ansiedade acumulada à espera do dia de Santa Catarina de Sena, como lembrou Josina Jacobina,

nesse dia a gente ia pra escola, sem os livros mas com a farda de gala, aí assistia a missa, tinha os as apresentações, né, e depois a gente tava liberada, a escola ficava totalmente aberta mas a gente passava o dia nessa escola, brincando, aí a gente aprontava nessa escola. Nas salas de aula ficava tudo vazio. A gente levava lanche, aí as vezes a mãe mandava deixar o almoço, aí se juntava, tipo assim um piquenique, todo mundo comia junto. [...] Dentro do próprio Colégio, a gente acabava com a escola. Corria nos corredores, fazendo zoada porque o piso é de assoalho aí e quanto mais forte a gente pisava mais zoada fazia. [...] Podia fazer

¹⁰ Os Colégios Savinianos piauienses mantiveram matrícula exclusivamente feminina para os Cursos Primário, Ginásial, Científico, Normal e Comércio até 1973, quando tiveram que adequar-se as leis educacionais vigentes no país e aceitaram matrículas de meninos.

tudo nesse dia. Tocava campainha. Fazia tudo nesse dia, descontava o ano todo. [...] Jogava vôlei, ping-pong, mas também a lanchonete não funcionava. A gente tinha que levar o lanche de casa. E poucas freira apareciam pra dá uma reclamação. (JACOBINO, 2006, p. 04)

A mesma recordação tem a aluna Eva Evangelista sobre a comemoração de Santa Catarina de Sena

Ah! Era muito bom. A gente juntávamos é, nossos colegas, passávamos o dia no Colégio. Levava roupa, levava comida. Ai cada uma levava uma coisa a gente fazia tipo um piquenique no Colégio. (...) Tinha, tinha missa é, geralmente, a missa era no inicio. Tinha a missa e aí passava o dia tinha jogos, aí, até à tardinha, os jogos e tinha o encerramento no final do dia. (LEAL, 2006, p. 08 - 09)” (SILVA, 2010, p.197)

Pedro Vilarinho Castelo Branco (2005, p. 41) descreveu que “a maior e mais movimentada festa religiosa de Teresina era a do mês de maio, conhecido como o mês de Maria. As missas, as quermesses, as movimentações nas três igrejas da cidade¹¹ se sucediam por todo o mês.” E nestas festividades as “meninas das freiras” participavam intensamente.

Nos Colégios sempre eram erigidos altares em honra a Nossa Senhora onde “aos pés” da Virgem Maria as alunas, religiosas e convidados poderiam fazer suas orações e pedidos durante o mês de maio, e, também, queimavam as flores e cartas com pedidos e agradecimentos a santa.

“O Colégio de Parnaíba, também, se empenhava em fazer da festa mariana um momento memorável para as alunas e comunidade local como um todo, como demonstra o relato de religiosa que estava atuando no Colégio Nossa Senhora das Graças.” (SILVA, 2010, p.192)

Em maio, a cada semana Nossa Senhora visitava as salas de aula e professoras e alunas recitavam o mistério do terço, seguido de um cântico a Nossa Senhora e o sacrifício do dia oferecido a Nossa Senhora e nas várias intenções. O segundo domingo, o dia das mães em todo mundo, o festejamos em dia da semana, por não ter sido possível na data prevista. Houve cânticos, recitativos, jogral e sorteio. Muitas mães se emocionaram ao presenciar a simplicidade e desembaraço das filhas. (COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, s/d, p. 3).

“Conforme descreveram as alunas, estes eram para elas se assemelhavam muito mais a momentos de diversão que de concentração ou contemplação. Como lembraram as irmãs Valquíria Sá e Teresinha Sá que durante as atividades faziam suas “estripulias e danações”, tal como aconteceu em uma das procissões em honra ao Sagrado Coração de Jesus que

A gente levava uma vela e queria acender e seu Manoelzinho,[...] ele era delas [Irmãs] e o sacristão da Capela delas [Colégio], ficava vigiando pra acender só na hora certa. Aí, ele na frente com a vela, num sabe, [...] meia hora e ele com a vela, todo de paletó, bem arrumado, passado com goma, né, e a Regina – que gomava a

¹¹ A cidade de Teresina até metade do século XX possuía três igrejas principais: Igreja do Amparo, Igreja São Benedito e Igreja de Nossa das Dores.

roupa dele, a Regina era tia dele – e, aí, nós na procissão do Sagrado Coração de Jesus a gente acendia a vela sem ele ver e ficava passando a vela acesa assim nas costas dele. (SÁ, 2009, p. 04-05). (SILVA, 2010, p.199)

Ao se lembrar dos retiros poderiam acontecer no próprio Colégio quanto em espaços fora da escola, como por exemplo, o Memorare, para as alunas do Colégio de Teresina e para casa de praia localizada na cidade de Luis Correia para as alunas do Colégio de Parnaíba. Estas “saídas” não se resumiam obrigatoriamente a atividades religiosas, havia a formação geral e diversão, como recordaram Erice Moura e Amariles Santana

[...] a gente ia lá pra o Auditório, a Irmã ia ler o Evangelho nessa hora, aí aproveitava..., tinha, eu me lembro que tinha o ..., a primeira vez que, que ... tinha um grupo lá de alunas que tinha assim, tipo assim um conjunto musical que era, elas tocavam, tinha uma menina que tocava lá, me lembro demais elas tocando Maria a lá ô, lan...lan...lan... e juntava lá (RODRIGUES, 2008, p. 05).

A ex-aluna Amariles Santana afirmou que os retiros no Colégio das Irmãs foram muito importantes em sua vida tanto para a aquisição de conhecimentos gerais quanto na parte religiosa, e, nos revela que estes retiros representaram a possibilidade de as religiosas identificar dentre as alunas quem tinha vocação religiosa:

Os retiros, durante o ano elas [as Irmãs] escolhiam dois ou três dias de retiro. Por sinal, eu posso dizer, na minha vida que eu aprendi muita coisa, muita coisa, é, é, ouvindo no retiro essas pessoas, ouvindo as práticas, as palestras dessas pessoas, fazendo retiro, tanto na parte religiosa como, até mesmo, sem ser religiosa, né. Me lembro que as vezes Dom Avelar dava palestra pra nós, o Arcebispo, me lembro que o professor José Camilo Filho que não era padre, [...] mais ele dava coisa pra nós.[...] era professor de História. Eu me lembro, foi a primeira vez onde eu ouvi falar em Brasília, em Brasília que tem a nova capital, foi num tipo de palestra dessa dada num retiro. [...] era logo no início, assim quando o Juscelino assumiu e tudo e começou Brasília. Aí, foi que ele [professor José Camilo Filho] explicava tudo, qual era a causa de ter criado Brasília e tudo. Eu me lembro que num foi nem numa aula de História dessa não, foi mesmo numa reunião dessa, no retiro. Era ali no Auditório [...] O Científico [...] nós nunca fomos convocadas assim pra fazer esse tipo de coisa fora não [...] porque sempre elas faziam assim, me lembro, num fim de semana mais eu nunca almocei lá no Colégio, num sabe, eu nunca, [...] vinha em casa, assistia a palestra, voltava, era assim. Era um tipo de retiro assim. [...] num tinha essa história de você ficar, podia ter algum outro retiro assim, que eu num digo se elas fizessem mais de pessoas que elas vissem que tinha uma tendência religiosa [...] (SOUSA, 2010, p. 13-14).

As festas no Colégio e do Colégio também eram oportunidades para as alunas ter novas experiências, por exemplo, Graça Sá nos contou que foi durante as festas juninas, na apresentação do boi que bebeu uísque pela primeira vez na vida.

A festa do boi (...) essa festa era pra angariar dinheiro pra colação de grau da turma do Pedagógico, da turma da Teca. Que ela terminou (...) parece que foi em 65 o Pedagógico, e daí o dinheiro era exatamente pra isso. E a gente ia dançar no Colégio, e algumas casas chamaram a gente, todas, pra dançar e lá o pessoal arrecadavam o dinheiro, pagavam!. (...) Isso, aí, foi muito interessante, quando a gente era uma turma muito animada, mas também muito viva e o boi era comandado pela Socorro Fortes. Aí, a primeira vez que nós fomos dançar o boi que era na [rua] Lisandro Nogueira, daí a turma todinha, uma das componentes levou

uma garrafinha de uísque, nós distribuimos pra todo mundo na equipe ... não deu nem pra ficar bêbada não, era tão pouco (risos...). Mas naquela época era vantagem, ninguém bebia, era muito difícil uma moça beber. (...) A gente se arrumava no Colégio e era seguido um acordo pra gente ir dançar numa casa. (...) Nunca foi nenhuma freira. Coincidência é..., a maior coincidência que uma, por exemplo, a Socorro Fortes, (...), ela depois que terminou o curso, ela foi ser freira, hoje ela é freira. (SILVA, 2009, p. 03-04)

Eva Evangelista lembrou que foi durante seu tempo como aluna do Colégio das Irmãs que foi ao cinema de forma rotineira, pois quando era

(...) durante a Semana Santa (...) no Cine Rex e no Teatro. (...) Aí as alunas todas fardadas, a gente ia com as Irmãs, tudo organizado em filinha, as vezes, a gente levava até um pedaço ..., aí, mandava a gente cortar um pedaço de cabo de vassoura para se defender de alguma coisa que viesse. Principalmente cachorro, mas não era só cachorro de quatro pés não, as vezes gente também. É... Que tinha uma coisa muito interessante nesses filmes. Tinha um senhor que as Irmãs às vezes ficavam de vigia bem atrás lá no Teatro ou no Rex, né, porque a gente entrava e ele ficava perto das meninas, aí, a gente cada uma levava quando ele viesse, bater. (LEAL, 2006, p. 07)

“As festas nos Colégios foram eventos marcantes para as alunas, pelos mais variados motivos. Teresinha Meireles contou que se sentiu especial, pois as Irmãs fizeram uma festa de Debutantes exclusivamente para as meninas da turma dela.” (SILVA, 2010, p. 175)

“As alunas dos Colégios das Irmãs não consideravam a rotina escolar fatigante, nem estressante, apenas exigente. O Colégio era um espaço em que a maioria das meninas se sentia bem, a ponto de algumas internas, a exemplo de Lili Leite, optarem por passar as férias do meio do ano na própria escola em lugar de voltar para a casa dos pais.” (SILVA, 2010, p. 175)

Outra atividade empreendida nos espaços dos Colégios Savinianos e mesmos fora destes por iniciativa das Irmãs Catarinas, e, que as ex-alunas dão demasiado destaque em suas memórias, são as ações de assistência aos pobres e caridade. As alunas se envolveram em ações de auxílio aos pobres¹², através dos Colégios eram: incentivadas a fazer doações em dinheiro e/ou em bens; levadas as casas de saúde e hospitais para fazer visitas aos doentes; atribuindo a função de organizar as distribuições de gêneros alimentícios e roupas aos pobres durante períodos de calamidades naturais (secas, enchentes, ou outras que necessitasse de mobilizações); e participando de celebrações religiosas voltadas aos pobres.

Em Parnaíba, o Apostolado da Caridade fundou um Clube para atender idosos e

¹² Para maiores informações relativo a este aspecto dos Colégios Savinianos piauienses indicamos o texto: “EDUCANDO CRIANÇAS E JOVENS EM BENEFÍCIO DO AMANHÃ”: as obras de caridade realizadas pelas alunas dos colégios das irmãs. In: **Anais do IV SEMINÁRIO NACIONAL GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS - subjetividades e contradiscursos**, 2013, JOÃO PESSOA-PB. IV SEMINÁRIO NACIONAL GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS - subjetividades e contradiscursos. FORTALEZA/JOÃO PESSOA-PB: GRAFICA LCR/EDITORA UFPB, 2013.

jovens. No ano de 1977 a diretora do Colégio, Irmã Teresinha Porto, relatou que freqüentaram o Clube cerca de 35 jovens e foram atendidos 50 idosos rotineiramente. O Apostolado realiza, entre outras

Atividades que constam de prendas domésticas, tais como:

a) aulas de bordados e flores

b) aulas de datilografia

são feitas palestras de formação, exposição de trabalhos, distribuição de roupas para crianças e velhos, de gêneros alimentícios. Comemora-se o dia das mães, dia do ancião, dia da criança e as festas do Natal e Páscoa. (COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, 1977, p. 04)

Estar imbuídas de responsabilidades no exercício e na gestão de tarefas relacionadas a zelo com as doações durante o período tiveram consequências de longa duração para a vida das “meninas das freiras”, seja na escolha das carreiras profissionais, seja nas diferentes formas de inserção social que adotaram. Uma destas reverberações foi a fundação da “Liga das Senhoras Católicas do Piauí com o objetivo de congregar esforços e recursos para realizar trabalhos filantrópicos.” (SILVA, 2010, p 219) por ex-alunas dos Colégios das Irmãs de Teresina no ano 1945.

Na matéria sobre Liga das Senhoras Católicas do Piauí (JORNAL “DO PIAUÍ”, 27 e 28/8/1972- Teresina. p. 10), podemos dimensionar as diferentes atividades desenvolvidas pela organização filantrópica e do apoio recebido do Colégio das Irmãs e da Arquidiocese com a cessão de espaços para realização das reuniões da entidade: em parceria com o Governo do Estado manutenção de escola para atendimento de 180 crianças (3 professores) com oferta de merenda escolar na Vila Dom Avelar; Clube de Mães na Vila Dom Avelar com 30 mães atendidas regularmente oferta de cursos de prendas e aulas de ensino religioso; no Natal ocorre distribuição de leite, enxovais, colchas e presentes.

Observando como se dava a participação nas atividades filantrópicas, podemos afirmar que, além de edificar-lhes a alma, e desenvolver o espírito cristão, e incentivar-lhe a doação ao próximo, também, está inclusas em tais atividades representava para as alunas – principalmente as internas, cuja vigilância e controle das Irmãs eram diuturnos – acesso ao mundo fora dos muros dos Colégios e, também, de se “comunicar com as pessoas de fora”.

Constatarmos que no Piauí a prática da caridade, além de atuar como elemento singular de internalização dos preceitos morais e religiosos do catolicismo, similar ao que se processava em outros lugares do mundo ocidental, conforme nos informa Perrot (2005, p.

280), “conduzira, desde há muito tempo, as mulheres para fora de suas casas: visitar os pobres, os prisioneiros, os doentes, traçava, na cidade, itinerários permitidos e abençoados”.

Acrescente-se, ainda, a esta possibilidade “autorizada” de circular nos espaços públicos, foi nas atividades de filantropia que as mulheres piauienses experienciaram o exercício de administrar instituições as quais possuíam bens móveis e imóveis, funcionários, recursos financeiros, etc., portanto, foram nas Ligas, Obras Assistenciais e Associações de caridade, entre tantas outras entidades de filantropia com as quais as mulheres se envolveram – sob a justificativa de pôr em prática os ensinamentos cristãos – que passaram a lidar com recursos financeiros, cuja finalidade não se restringia exclusivamente ao bom funcionamento da rotina doméstica de suas próprias “casas”, e a exercer postos de comando. Então, “fazer caridade” contribuiu, também, para que as mulheres vislumbrassem e experimentassem atuar, enquanto profissionais (honestas), em atividades que extrapolavam o magistério primário. Estas experiências incentivaram as mulheres piauienses a buscar a ampliação de seu grau de instrução e àquelas detentoras de mais anos de formação escolar e de experiência adquirida na administração das obras de caridade passaram a requerer e a galgar, paulatinamente, espaços e postos na iniciativa privada e na administração pública.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observarmos – apesar de que, didaticamente, recortados por conta da seleção e exposição empreendida neste trabalho – podemos afirmar que os diversos elementos que integram o cotidiano dos Colégios católicos (tomando como objeto de análise as escolas savianianas no Piauí) e, a partir dos quais se constituiu a cultura escolar inerente a estes espaços, são, ainda que responsáveis diretos pela manutenção e/ou reprodução de práticas seculares.

Concomitantemente, fomentaram, possibilitaram o descortinar (e porque não dizer, o imaginar, o especular) e, conseqüentemente, com o correr dos anos, resultaram no surgimento (e na testagem) de práticas outras, que se configuraram como alternativas – principalmente para as mulheres – que, nestes espaços, se reconstruíram enquanto sujeitos sociais. Reafirmamos, então, que os espaços escolares confessionais durante o século XX, ao mesmo tempo, que foram produzidos e produziram figurações sociais, onde as sociabilidades e as relações entre sujeitos foram resignificadas e papéis sociais foram, paulatinamente, alterados e deram origem a formatações e novas possibilidades de posicionamento dos diferentes sujeitos

no contexto da sociedade contemporânea. Podemos empreender tais afirmativas a partir das memórias das ex-alunas dos Colégios Católicos que descrevem e rememoram como um espaço possibilitador de experimentações, descobertas e novas experiências a ser vivenciadas cotidianamente.

5.REFERÊNCIAS

- BENATTE, Antonio Paulo. História e antropologia no campo da Nova História. IN: **História em Reflexão** – Revista Eletrônica de História. vol. 1. n.º 1. UFGD: Dourados. Janeiro a junho de 2007. p. 01- 25.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres Plurais: a condição feminina na Primeira República.** 2 ed. Recife, PE: Edições Bagaço, 2005.
- COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. **Alguns dados do Colégio Nossa Senhora das Graças.** Parnaíba, PI, 1977 (mimeografado).
- COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Memórias ... do Colégio Sagrado Coração de Jesus de 1906 a 1933: fatos principais.** Teresina, PI, 1933.
- HOBBSAWN, Eric. **Tempos interessantes: uma vida no século XX.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- JACOBINO, Josina Maria de Oliveira. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 10 de fevereiro de 2006.
- LEAL, Eva Maria Evangelista. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 6 de fevereiro de 2006.
- MEIRELES, Teresinha de Jesus Soares. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 6 de fevereiro de 2006.
- MELO, Neuza Brito de Arêa Leão. Parnaíba cosmopolita: um estudo da arquitetura produzida na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. **Scientia et Spes.** Revista do Instituto Camillo Filho. Teresina: ICF, 2008. Ano 7, n. 8, p. 269-289.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. E CARNEIRO, Henrique. A história da alimentação: balizas historiográficas. IN: **Anais do Museu Paulista.** v.5 São Paulo. Janeiro a dezembro de 1997. p. 09 – 91.
- PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os Silêncios da História.** Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- RODRIGUES, Erice de Moura. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 13 de julho de 2008, na cidade de Simplício Mendes, PI.
- SÁ, Teresinha de Jesus Rodrigues de. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 13 de outubro de 2009, na cidade de Teresina, PI.
- SÁ, Valquiria Maria das Graças Rodrigues de. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 13 de outubro de 2009, na cidade de Teresina, PI.
- SILVA, Maria das Graças Rodrigues de Sá. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 13 de outubro de 2009, na cidade de Teresina, PI.
- SILVA, Samara Mendes Araújo. **Educar crianças e jovens à luz da fé e cultura: as instituições escolares confessionais católicas na sociedade piauiense (1906 a 1973).** Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2010.
- SOUSA, Amariles das Graças Santana. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 24 de fevereiro de 2010, na cidade de Teresina, PI.

